

'Não basta fazer um acordo com o FMI'

MARIZA LOUVEN

O sonho de que os abundantes recursos japoneses poderiam vir para o Brasil, depois do fechamento do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), dá sinais de ter acabado, exatamente agora, quando o Brasil está prestes a acertar seus ponteiros com a instituição. Os japoneses condicionavam a liberação

de financiamentos ao aval do Fundo, mas endureceram sua posição e exigem mais: que o País normalize sua situação junto à comunidade financeira internacional, o que significa negociar também com o Clube de Paris e os bancos privados.

De acordo com o representante no Brasil do Export-Import Bank of Japan (Eximbank), Koichi Ya-

jima, a exigência do aval do FMI como única condição era suficiente enquanto o Brasil continuava a pagar os juros da dívida externa. Este ano, porém, o País suspendeu os pagamentos até ao Clube de Paris, ao qual estão ligados as agências governamentais e os eximbanks. O Eximbank do Japão, que emprestou um trilhão de ienes no ano passado

(cerca de US\$ 6,7 bilhões), dos quais a maior parte para o Sudeste asiático, limitou-se a aprovar três projetos para o Brasil, no total de US\$ 1 bilhão, sem no entanto desembolsar um tostão. Hoje esses projetos nada representam, já que foram solicitados pelo Governo Sarney. O Eximbank aguarda a fixação de novas prioridades pelo Ministério da

Economia, de acordo com o novo Orçamento da União e com a política industrial.

Yajima não mediu palavras ao informar a posição dos investidores japoneses em relação ao Brasil: "É o último da lista", respondeu, para depois se corrigir e admitir que o País está na frente, pelo menos, das nações africanas.

O GLOBO — O Presidente do Eximbank do Japão sempre afirmou que a liberação dos financiamentos para os projetos já aprovados para o Brasil dependiam da assinatura de um acordo com o Fundo Monetário Internacional, o que acontecerá provavelmente em setembro. A posição do Eximbank ainda é a mesma ou alguma coisa mudou?

YAJIMA — Assim como outros países, o Governo do Japão pensa que, agora, o mais importante para ajudar os países endividados é normalizar a situação deles no sistema financeiro internacional, ou seja, junto ao FMI, bancos multilaterais como o Banco Mundial e o Interamericano de Desenvolvimento, Clube de Paris e bancos privados. O fechamento do acordo com o FMI é a primeira etapa, mas não a única.

O GLOBO — Então houve uma mudança, um endurecimento na posição do Eximbank, que antes só condicionava os financiamentos ao acordo com o FMI, como ficou claro durante a visita de seu Presidente, Takachi Tanaka, ao Brasil, no ano passado?

YAJIMA — Quando o Presidente do Eximbank esteve aqui não existia atraso nos pagamentos dos juros da dívida, que estavam sendo feitos normalmente. Depois, no entanto, o Brasil deixou de pagar a todo mundo, inclusive ao Clube de Paris, desde janeiro deste ano.

O GLOBO — Só depois de todas as etapas da negociação é que o Brasil teria acesso aos créditos do Eximbank?

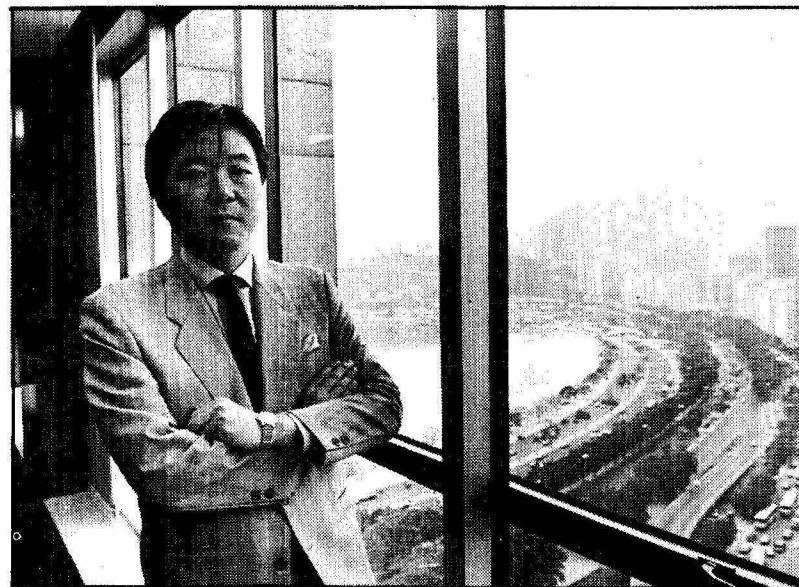
YAJIMA — O Eximbank está observando o que acontecerá na negociação com o FMI, o Clube de Paris e os bancos privados. Acho que só depois do fechamento do acordo com o FMI o Eximbank poderá avaliar a situação e decidir. Neste momento é difícil responder, porque ninguém sabe ainda o que acontecerá na negociação.

O GLOBO — A negociação com os bancos privados é a última na lista de prioridades do Brasil. O Clube de Paris vem antes justamente porque o Governo quer, dessa forma, ter acesso aos recursos dos governos, como os do Eximbank. O senhor acha que sem o acordo com os bancos privados não haverá recursos?

YAJIMA — Neste momento é difícil responder. Mas o acordo com o Fundo é pré-condição.

O GLOBO — O Eximbank tinha diversos projetos aprovados para o Brasil, que só dependiam do tal acordo com o FMI. Quanto representam? Os projetos foram mantidos?

YAJIMA — No dia 31 de março de 1989, o Governo do Japão anunciou sete programas para o Brasil, dos quais três com recursos do Eximbank e quatro da Overseas Economic Corporation Fund, que é outra agência do Governo. Os do Eximbank totalizavam cerca de US\$ 1 bilhão, em linhas de crédito para o Banco do Brasil e o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) aplicarem no financia-



“O acordo com o FMI é a primeira etapa para ajudar países endividados. Mas a prioridade é para as nações do Sudeste asiático e do Leste europeu”

mento de importações de equipamentos japonesas, financiamento de um projeto de trens urbanos em Fortaleza e outro da Cesp (Companhia Energética do Estado de São Paulo). Esses projetos foram escolhidos durante a administração do Presidente Sarney. Agora, a Comissão do Finan-

ciamento Estrangeiro (Cofix), do Ministério da Economia, está fazendo a revisão dos projetos e estabelecendo os que são prioritários para serem financiados pelos bancos multilaterais ou eximbanks, de acordo com o orçamento e a nova política econômica brasileira.

O GLOBO — O Brasil está iniciando uma política de liberalização das importações que depende, fundamentalmente, de financiamentos. O senhor acha que o atual Governo pode ter aprovados mais do que este US\$ 1 bilhão pleiteado pelo Governo anterior, até porque a abertura comercial era uma reivindicação de outros países com que ele se relaciona, como o Japão?

YAJIMA — O Ministério da Fazenda está estabelecendo as prioridades agora. Eu não sei. Mas acho que o Eximbank deve receber mais pedidos.

O GLOBO — Como o Eximbank analisa o novo Governo e sua política de abertura comercial?

YAJIMA — O novo Governo adotou exatamente as políticas que o FMI pediu. Agora, a economia brasileira está no caminho certo.

O GLOBO — Vocês estão otimistas sobre os rumos da economia brasileira?

YAJIMA — Otimistas. Mas há preocupações sobre a influência dos preços internacionais do petróleo.

O GLOBO — O Governo já vinha mantendo uma defasagem nos preços dos combustíveis, como parte de sua política antiinflacionária. Pode ficar difícil suportar este custo, que se soma agora à

alta dos preços internacionais. O repasse poderá gerar inflação.

YAJIMA — Acho que a taxa de inflação poderá aumentar, dependendo da elasticidade do preço do petróleo em relação ao PIB (Produto Interno Bruto). Mas o conflito entre o Iraque e o Kuwait não é bom para a economia mundial, mas não é muito sério.

O GLOBO — Quais são os países prioritários para os investimentos japoneses?

YAJIMA — Os do Sudeste asiático, Estados Unidos e, agora, Europa.

O GLOBO — O Brasil vem em quarto lugar, ou mais abaixo?

YAJIMA — Agora? É o último.

O GLOBO — Perde até para a África?

YAJIMA — Não.

O GLOBO — O Leste europeu é o mais importante no momento?

YAJIMA — Não. Minha opinião particular é de que quem tem que ajudar o Leste europeu primeiro é a Europa.

O GLOBO — Quanto o Eximbank emprestou no ano passado?

YAJIMA — Mais ou menos 1 trilhão de ienes, a maior parte para o Sudeste asiático.